

RÁDIO E EDUCAÇÃO: CRIANÇAS OUVINTES E LEITORAS DE PROCESSOS MIDIÁTICOS

JOSEMIR ALMEIDA BARROS (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS).

Resumo

Propomos aqui uma reflexão sobre as possíveis leituras de programas radiofônicos produzidos para crianças e em alguns momentos com a participação de crianças, isto é, sobre novas discursividades e aspectos do ouvir e do ler processos midiáticos na contemporaneidade. Além da palavra escrita, a palavra falada também carrega suas peculiaridades e em programas radiofônicos infantis percebemos as possibilidades de novas leituras de tais produtos midiáticos que são posto em circulação pelas "ondas do ar". As informações circulantes pelos meios de comunicação de massa e, em específico, pelo rádio, podem apresentar algum tipo de sentido para as crianças, no processo de ensino e aprendizagem. Algumas práticas pedagógicas, entretanto, podem demonstrar que, estando basicamente vinculadas à cultura da escrita, impedem a constituição ou a ampliação de redes de sentidos e significados que se estabelecem no convívio diário dos sujeitos com as diversas mídias da contemporaneidade, dificultando, assim, diálogos e/ou leituras de sons resultantes de processos da radiodifusão. Práticas escolares enfocadas na radiodifusão podem trazer novas perspectivas para a construção de sentidos, novas leituras que também perpassam pelas questões educacionais, midiáticas, culturais e cotidianas que viabilizem o melhor entendimento e amplitude da cidadania, do direito de ter direitos. Reforçamos, assim, a importância das interfaces da educação com as mídias e do ler as diversas linguagens midiáticas em constante circulação.

Palavras-chave:

Leitura, Rádio, Infância.

Radiodifusão e educação

A utilização do rádio como mídia alternativa pode se destacar na contemporaneidade, uma de suas vantagens está vinculada ao seu fácil manuseio e transporte. Acreditamos que mensagens radiofônicas vêm ganhando maior credibilidade até mesmo enquanto mediadoras de processos educacionais. Percebemos que a circulação de mensagens radiofônicas tem a possibilidade de oferecer maior integração e envolvimento das crianças independente dos espaços e tempos, conseqüentemente permitem diversas leituras e/ou interpretações dos sons.

A crescente busca dos referenciais de uma educação, que estabeleça a inter-relação entre as mídias de forma significativa, tanto dos alunos quanto dos próprios professores que atuam nas diversas modalidades de ensino, podem fundamentar-se também nas informações circulantes pelos meios de comunicação de massa. Algumas práticas pedagógicas, entretanto, podem demonstrar que, estando basicamente vinculadas à cultura da escrita, podem dificultar os diálogos com os sons resultantes da radiodifusão.

As práticas pedagógicas, que não perpassam diferentes linguagens, caminham em processo inverso ao que poderia proporcionar desenvolvimento sociocultural com maiores significados para os educandos. Acreditamos que os saberes propagados pelos meios de comunicação podem se inter-relacionar de forma transdisciplinar com os discursos dos mais variados campos, que, por sua vez, demonstram maior visibilidade em relação à importância da educação. Processos de ensino e aprendizagem, enfocados na radiodifusão, abrem perspectivas para a construção de novos paradigmas que perpassam pelas questões educacionais, midiáticas, culturais e cotidianas que viabilizem o melhor entendimento e amplitude da cidadania.

Acreditamos que as mídias ao exemplo do rádio podem potencializar discursividades capazes de estabelecer formas diversas de ler, leituras talvez mais plurais ao possível predomínio de textos escritos, tal qual é possível ler imagens e sons em nossa sociedade. A leitura entendida como apropriação de saberes diversos, vindos não apenas de materiais escritos (textos), mas, em nosso caso, dos sons da radiodifusão, nos faz recordar das diversidades de leituras possíveis a partir de bens simbólicas que circulam nas mídias, assim relativizar o ler é permitir ler as realidades que estamos submersos.

Mais que escrever e ler que a 'asa é da ave', os alfabetizando necessita perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de 'escrever' a sua vida, o de 'ler' a sua realidade, o que não será possível se não tomar a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos. (FREIRE, 1981, p. 13)

As crianças ao lerem suas realidades fazem uso de vários suportes que permitem a apropriação de saberes, sejam através da radiodifusão ou até mesmo das imagens que tem acesso constantemente. Através dos meios técnicos a leitura antes entendida especificamente a partir de escritas (alfabeto) pode ser compreendida também por diferentes formas de comunicar, através de sons, aqueles que saem do rádio.

Em alguns casos as mensagens radiofônicas, são alternativas que criam movimentos que permitem a confluência de valores e o aparecimento de novas identidades, isso reafirma a importância da mídia como também o desenvolvimento dos meios tecnológicos de comunicação das sociedades que participamos.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelo sistema de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama diferente de identidades... (HALL, 2002, p. 75)

Este breve trecho Stuart Hall (2002) nos revela também a importância dos avanços tecnológicos no campo da comunicação e nos abre novas perspectivas sobre a socialização dos direitos dos cidadãos, pois dentro de uma sociedade globalizada a mídia pode ser um referencial dos direitos legais para a construção da cidadania e/ou para a reafirmação das identidades e/ou subjetividades. Ao mesmo tempo entendemos a cidadania como a garantia de direitos, sejam civis, políticos e sociais, isso de acordo com Marshall (1967).

Em alguns países, a exemplo da Inglaterra, a cidadania se desenvolveu com muita lentidão. Primeiro vieram os direitos civis, no século XVIII, posteriormente no século XIX, surgiram os direitos políticos e finalmente, os direitos sociais. Segundo Marshall (1967) este exemplo segue uma sequência não apenas cronológica, mas também lógica do processo histórico onde há movimento e por consequência alterações nos processos de convivência entre a legalidade ou regulação e a emancipação, estabelecendo mudanças sócio-econômicas e também culturais.

A Revolução Inglesa de 1640 – assim como os outros processos revolucionários burgueses – foi um cadinho de várias revoluções, uma brotando das vísceras da outra, com múltiplas referências ideológicas formadoras de uma dinâmica batalha também cultural (MONDAINI, 2003, p. 127)

Podemos dizer que as possibilidades de ampliação da cidadania nos tempos atuais devem-se também aos conhecimentos adquiridos ao longo do processo histórico pelos agentes sociais, principalmente pelos que “lutam” por seus direitos. Se entendermos a mídia

enquanto espaço público que pode socializar informações e conhecimentos necessários à constituição da cidadania, e muitas vezes se torna porta voz da sociedade contra processos opressivos de ensinar, abre-se um caminho para uma melhor reflexão acerca dos direitos e do próprio papel dos meios de comunicação na atualidade.

À medida que os eventos e as ações passam para uma dimensão global, podemos avaliar que os receptores dos produtos midiáticos têm acesso a várias fontes de conhecimento, e participam de distintos contextos sociais em espaços e tempos diferentes, criando assim uma flexibilidade. A mídia ao fazer “circular” os diferentes discursos em forma de textos, hipertextos e/ou em sons, nos permitem um repensar das diferentes situações, em específico daquelas vinculadas à sonoridade, à cidadania, ao ler novas e plurais formas de expressar pensamentos ao exemplo dos sons advindos do rádio.

Crianças ouvintes e leitoras de processos midiáticos.

Trazemos aqui algumas reflexões a partir de nossa pesquisa[1] no Programa Radiofônico Rádio Maluca *da Rádio Nacional RJ AM em parceria com a Rádio MEC AM*[2]. O programa em questão tem como apresentador o radialista, pedagogo e compositor Zé Zuca, além de seu assistente Mariano, o sonoplasta Badalo e a colaboração de Joelma Vieira. Tem como formato ser um programa de auditório, no qual os participantes podem ocupar as 150 cadeiras do auditório do 21^a andar do prédio onde a Rádio Nacional é sediada no RJ. O programa é transmitido ao vivo, tendo aproximadamente uma hora de duração.

A partir das gravações em vídeo e áudio revelaremos parte dos indícios de uma comunicação negociada, ou seja, as crianças participantes do programa estabeleceram formas próprias de

interpretar os sons, talvez uma nova leitura de aspectos sociais dos quais estão imersos. Nesse ponto é importante mencionar que as crianças interagiram com as atividades propostas, se revelaram portadoras de subjetividades. Ao entendermos a concepção de infância diferentemente de suas incompletudes, mas sim a partir de suas especificidades, acreditamos que as crianças são leitoras de processos midiáticos diversos.

[...] a moderna concepção da infância surgiu como resultado de uma complexa rede de inter-relações entre ideologia, governo, pedagogia e tecnologia, cada uma delas tendendo a reforçar as outras. Como resultado, ela desenvolveu-se de formas diferentes e em diferentes níveis, dependendo de cada contexto nacional. (BUCKINGHAM, 2000, p. 59)

A categoria de infância, enquanto resultado de uma complexa rede de inter-relações reforça-nos a existência de processos plurais de aprendizagem. As crianças expressam também o que pensam a partir de suas apropriações e/ou leituras das mídias. Resignificam, em nosso entendimento, as linguagens que acessaram, não apenas como entretenimento, mas em busca de referenciais diversos.

Entre as diversas atividades do programa radiofônico Rádio Maluca trazemos um exemplo que é conhecido como a *História do dia*, aqui as crianças são convidadas a contar uma história, em nosso entendimento elas expressam através de seus diálogos leituras mais plurais. Tal exemplo foi veiculado no dia 08 de dezembro de 2007 tendo como temática *O dia internacional da criança no rádio e na TV - O mundo que queremos – ONU*.

Zé Zuca (apresentador): *Para contar a história de hoje, uma história que foi feita por este grupo, onde estava a Juliana do Vale, e que cada uma contribuiu com um texto e depois eu tive que fazer uma salada, juntar estes textos todos, e compor um texto só e dentre elas estavam as contadoras de histórias de hoje Kiane Sasaki de 11 anos e Giulia Pimentel de 9 anos (aplausos), elas vão apresentar este texto pra nós, hoje na verdade não é uma história, é um texto, mas tem a ver com as novas histórias que essas crianças querem pro nosso mundo.*

Então vamos lá, (...) há de deixar só eu dizer quem foi que fez este texto, o texto é **o mundo que eu quero** de Amanda Farias, Gabriel Costa, Raissa Moura, Juliana do Vale, Nicola e Kiane Sasaki, são todos aí na faixa de 7, 8 e 11 anos, então vamos lá, **o mundo que eu quero**.

Kiane (criança): O mundo que eu quero é um mundo alegre onde possamos viver com paz e harmonia, um mundo lindo sem violência nem distinção, cheio de crianças sorrindo.

Giulia (criança): Um mundo sem guerra, violência indiferença e racismo onde possamos brincar, e brincar e brincar.

Kiane (criança): Um mundo que tenha leis justas, sem consumismos, sem poluição, sem gás carbônico, com mais oxigênio. Um mundo que não tivesse muitos carros e que as fábricas não poluíssem o ar.

Giulia (criança): Um mundo onde as crianças brinquem com os bichos, que tenha um fim de semana mais longo, sem hora pra voltar pra casa, que dê pra jogar futebol sem se cansar, que a semana fosse de quinze dias, cinco de escola e dez de folga, que a escola tivesse uma hora e meia de recreio, com piscina e parque de diversões.

Kiane (criança): Que todas as crianças brinquem juntas, que não tenha ruas perigosas, mas que tenha lojas de roupa, brinquedo e doces e que tenha segurança com PM em todas as ruas.

Giulia (criança): O nosso planetinha tem que ser muito saudável, sem doenças, guerra, fome e ignorância e que possamos andar na chuva sem ficar doente, que haja remédio para tudo, que não sentíssemos fome, não precisássemos usar óculos, aparelhos e etc.

Kiane (criança): Um mundo divertido, cheio de fantasia, que a gente desejasse uma coisa e ela aparecesse, que haja uma montanha de chocolate no meio de um mar de caramelo.

Giulia (criança): Que as crianças pudessem ser políticas e criar leis onde todos pudessem levar a sério, porque a palavra que é palavra tem que ser ouvida.

Kiane (criança): *Que os adultos levem as crianças mais a sério, que os pais tenham pelo menos três horas e meia de trabalho e no resto brinquem com a gente.*

Kiane e Giulia (crianças): *Esse é o nosso sonho.*

Giulia (criança): *Ponho minhas idéias mais nos adultos.*

Kiane e Giulia (crianças): *Pois um dia, serei um deles.*

Nos diálogos acima podemos perceber que nas falas das crianças há uma interatividade, elas explicitam o que querem através dos microfones da Rádio Maluca, a partir das leituras que possuem, sejam aquelas vinculadas ao cotidiano que participam, ou até mesmo a partir das especificidades dos locais onde já transitaram. São crianças leitoras de processos midiáticos, interferem com alguns limites em processos de produção de mensagens radiofônicas.

São crianças de 7, 8 e 11 anos que “fantasiaram” nas expressões que utilizaram o mundo que a elas seria importante, mundo que em muitos casos também faz parte de nossos sonhos enquanto adultos. Outro detalhe é que reforçam a necessidade da palavra ser ouvida, pois dizem o seguinte “... a palavra que é a palavra tem que ser ouvida.” Entendemos que há um posicionamento que reforça a concepção de infância não por sua incompletude, mas pela constituição de uma rede de saberes. As crianças expressaram através de suas falas uma das possíveis formas de “ler” o que pensam e acreditam.

Enfatizamos a importância da radiodifusão, principalmente quando há o reconhecimento de que os ouvintes também são falantes, leitores de várias linguagens, estabelecem trocas de significados e até mesmo de sentidos tanto no processo de produção quanto de transmissão das falas e/ou vozes, estabelecendo por assim dizer a alteridade, ou seja, o reconhecimento do outro.

A alteridade vem sendo abordada por diferentes estudos ou áreas disciplinares, um dos exemplos é sobre a conquista da América, muitos foram os procedimentos e/ou tentativas de silenciamento do outro. “As proposições são: os índios são por natureza submissos; praticam o canibalismo; sacrificam seres humanos; ignoram a religião cristã.” (TODOROV, 2003, p. 225). Em uma concepção sob a ótica dos dominantes, os índios são seres inferiores, portanto devem ser submetidos aos mandos e desmandos, contrário a essa idéia também encontramos falas que defenderam os gentios, em específico destacamos Bartolomé da Las Casas. Devemos nos ater nesse momento sobre o “jogo” da alteridade, reconhecer ou não as falas e/ou vozes dos outros? Enquanto um dois traços fundamentais da linguagem o diálogo pode representar a existência de alteridade.

Ao contrário da proposta hegemônica de uma cultura única e superior aos moldes do monologismo, entendemos que a pluralidade de falas, e também de identidades culturais é uma das características do dialogismo.

O monologismo seria justamente o apagamento das diferentes enunciações que produzem um objeto de pesquisa. Ouve-se apenas uma voz a falar e, entre a descrição e o descrito, nenhum espaço é entrevisto. Ao contrário, o dialogismo remete à pluralidade de vozes que constituem toda pesquisa, seja em campo, seja em texto. (AMORIM, 2004, p. 94)

A radiodifusão aqui entendida e enfatizada como processos múltiplos de leituras parte do princípio que as crianças são portadoras de direitos, portanto são cidadãs e ressignificam os sons propagados em diferentes espaços e tempos, transformando-os em significantes para os possíveis processos de ensino e aprendizagem.

Mídia, educação, cidadania e exclusão

A cidadania é um “produto” histórico que “desabrochou” gradativamente através de uma rede complexa de relações e

interações entre doutrinas, correntes de pensamento, cultura, Estado, mídia e sociedade civil. Teoricamente a radiodifusão deve possibilitar também o rompimento com as práticas discursivas hegemônicas que impõem o silêncio, e nessa perspectiva as culturas infantis renegadas pelas instituições escolares tradicionais passam a ter vez e voz tornando-se possível uma interatividade tanto na produção, quanto na transmissão e recepção das mensagens. Os meios de comunicação de massa (radiodifusão) tornam-se parte das táticas conforme Certeau (1994), isso enquanto instrumento de conquista e reafirmação de culturas antes subjugadas pela tradição, nesse mesmo sentido também enfatizamos as contribuições de Arroyo (2000) que nos remete ao repensar entre educação, cidadania e exclusão, desta forma a cidadania pode ser uma construção de práticas sociais diversas.

Pensamos que a radiodifusão consegue assegurar maior demanda social, desde as necessidades do mundo da vida cotidiana aos interesses políticos, econômicos, sociais e culturais. Talvez o repensar dos processos relacionados a projetos hegemônicos que normalmente geram a exclusão enquanto uma estratégia *antropoêmica*[3] tenha perdido sustentação na pós-modernidade, onde a tessitura de uma rede de significados tende a agregar identidades e não mais outorgá-las. Dentro desta perspectiva pode-se avaliar a importância da esfera pública, assim como Habermas (1997) procura argumentar que esta consegue absorver problemas que afetam o conjunto da sociedade, além de discuti-los, o seu funcionamento permite a “melhor” “alteridade” dentro do sistema político. A esfera pública, portanto é a caixa de ressonância dos problemas, onde a dialética e/ou alteridade conseguem representar os fluxos comunicativos provindos do mundo da vida cotidiana e automaticamente abrem um diálogo sobre o controle do poder.

Ao entendermos que os processos de ensino e aprendizagem também podem ser vinculados à construção e/ou reconstrução da cidadania, não há como negar que as possíveis formas autoritárias tão presentes em várias instituições de ensino possibilitam a exclusão dos sujeitos, em muitos casos os “confinando” em salas específicas, onde se acredita que o isolamento vá

contribuir para a obediência, aqui recorreremos novamente ao conceito de *antropoêmica* enfatizado por Bauman (1998).

As permanências de um projeto de sociedade onde prevalece as propostas hegemônicas e não alteritárias ainda se faz presente na contemporaneidade, mas isso também corresponde a uma possível crise. “A gestão controlada das desigualdades e da exclusão a cargo do Estado e, no seu melhor momento, a cargo do Estado-Providência, encontra-se hoje em crise em virtude da erosão dos recursos redistributivos e assimilacionais do Estado...” (SANTOS, 2006, p. 315)

Com o desenvolvimento de novos meios de comunicação – Internet – aumentam as possibilidades de maior visibilidade das questões sobre a cidadania e por sua vez dos agentes sociais que de uma forma ou de outra também participam desse contexto e que se constituem também pelas crianças e jovens dos grupos organizados que almejam participação política nos governos e, sobretudo, a interlocução diante dos assuntos de interesse da sociedade civil.

A busca contínua por espaços públicos que introjetem a realidade da sociedade civil ganham destaque e credibilidade evitando alguns problemas. Atualmente a visibilidade ultrapassa fronteiras com a criação de campos globais de visão, culturas globais onde os receptores são capazes de ver e experimentar ações e eventos independente de sua localização no espaço geográfico.

Algumas das considerações finais

As instituições escolares também podem se apropriar dos “ruídos” advindos através das mensagens radiofônicas para desenvolverem um novo “modelo” de educação que leve em consideração os saberes locais tanto vinculadas às condições sócio-econômicas quanto culturais, das crianças e dos jovens.

A mídia radiofônica apresenta-se, portanto, como um espaço dinâmico, religando o sujeito ao coletivo, os grupos ao espaço público ou a outros grupos. Assim, oferece um rico mosaico de temas, atores e argumentos que compõem a nossa sociedade.

Talvez a radiodifusão tenha ao seu alcance as “ferramentas” necessárias para reforçar a tão almejada cidadania, criando novos espaços de debates e/ou diálogos e por sua vez de reflexibilidades das questões norteadoras dos tempos atuais e que certamente reforçará a responsabilidade social da mídia, ao contrário das propostas midiáticas mercantilista. Assim reconfigura-se novos espaços e novas possibilidades que implicam a circularidade pública de parte dos bens simbólicos, pois a produção destes se desterritorializa constantemente, mas não se deixa perder os significados que se estabelecem nas conversas e “circuitos” dos encontros e desencontros das crianças.

A reconstrução ou reconhecimento das identidades cidadãs desterritorializada e mais cosmopolitana faz parte de um processo de formação do sentimento de pertencimento e lealdade a outras comunidades políticas em fase de invenção (regional, planetária), e conseqüentemente de um hibridismo cultural.

A radiodifusão, por sua vez, pode utilizar vários recursos para conquistar os receptores/ouvintes. Um exemplo é a música que relata o cotidiano sócio-cultural de alguns agrupamentos com os vários sons emitidos no processo que demonstra parte dos indicadores culturais dos produtores e receptores da mensagem falada. Mensagens radiofônicas também são carregadas de simbolismos, isso em um processo que possibilita a visibilidade das especificidades que se entrelaçam cotidianamente no interior das

escolas, mas que são pouco exploradas em uma perspectiva da emancipação dos textos tradicionais. Assim as propostas pedagógicas que não levam em consideração o cotidiano de seus aprendizes caminham na direção inversa à emancipação.

Crianças também são ouvintes e leitoras de programas radiofônicos, ressignificam as mensagens sonoras a partir do contexto sócio-cultural que estão inseridas. Além das tradicionais leituras de textos escritos, elas apresentam híbridos processos que permitem interpretar diversos sons, desde músicas aos programas radiofônicos específicos destinados ou não a elas.

Linguagens sonoras ganham destaque em meio a diversos aparatos técnicos e tecnológicos que estão diante de nossos olhos, assim trazemos algumas indagações: as práticas pedagógicas para o público infantil agregam leituras diferentes às dos textos escritos em ambientes de ensino e aprendizagem? Quais os sentidos e significados do ler sons advindos da radiodifusão na contemporaneidade?

Referências Bibliográficas

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro*. São Paulo. Musa, 2004.

ARROYO, Miguel. Educação e exclusão da cidadania. IN: BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paola. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 8 ed. S. P.: Cortez, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2000.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra S/A., 1981.

HABERMAS, Jurgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade II*, 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

MONDAINI, Marco. Revolução Inglesa: o respeito aos direitos dos indivíduos. IN: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006. 512 p. v. 4.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

[1] Pesquisa realizada por mim como uma das etapas do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), a dissertação foi defendida em dezembro de 2008 com o seguinte título: *Rádio e Educação: de ouvintes a falantes, processos midiáticos com crianças*. A pesquisa também pode se acessada no site do Domínio Público no link abaixo:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=137934

[2] Transmissão: Rádio Nacional - AM 1130 khz e Rádio MEC – AM 800; On line: www.radiobras.gov.br ou www.radiomec.com.br

[3] Bauman (1998, p. 29) diz que este termo representa o “vomitar os estranhos, bani-los dos limites do mundo ordeiro...”